
O alvo fácil: homofobia e o impacto na constituição da autoimagem de homem cisgênero homossexual

The easy target: homophobia and the impact of the self-image constitution of a cisgender homosexual man

DOI: 10.12957/ek.2024.89272

André Prado Nunes¹

Universidade Paulista - UNIP

andre.pradonunes@gmail.com

RESUMO

Este trabalho discute violências de cunho homofóbico que o homem cisgênero homossexual sofre e as consequências para a constituição de sua autoimagem. Parte-se da noção de que o contexto heteronormativo vigente, operando através do que Foucault denominou "dispositivo da sexualidade", contribui para a formação do modo de ser homossexual e para a internalização do preconceito. Adicionalmente, fundamenta-se a noção de autoimagem no conceito de "corpo vivido" de Merleau-Ponty, compreendendo-a não como uma ideia mental, mas como a experiência encarnada e situada do ser-no-mundo. Realiza-se análise hermenêutica de orientação fenomenológica a partir de registros de supervisão de processo psicoterapêutico em disciplina de estágio de graduação junto a clínica-escola de instituição de ensino superior. Tal análise revela que as violências sofridas, entendidas como manifestações de um preconceito estrutural, prejudicam a construção de uma autoimagem positiva, fenômeno que a literatura denomina "preconceito internalizado", trazendo consequências prejudiciais à sua saúde e às suas relações pessoais.

Palavras-chave

Preconceito internalizado. Homossexualidade masculina. Autoimagem. Fenomenologia. Heteronormatividade

ABSTRACT

This paper examines the homophobic violence experienced by cisgender homosexual men and its consequences for the formation of their self-image. The theoretical

¹ Doutor em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela Universidade de São Paulo (2015). Colaborador, pesquisador e supervisor clínico no Laboratório de Estudos e Prática em Psicologia Fenomenológica Existencial da Universidade de São Paulo (LEFE-IPUSP).

framework posits that the prevailing heteronormative context, operating through what Foucault termed the "dispositif of sexuality," contributes to the homosexual mode of being and the internalization of prejudice. Furthermore, the concept of self-image is philosophically grounded in Merleau-Ponty's "lived body," understood not as a mental idea but as the embodied and situated experience of being-in-the-world. The methodology employed is a phenomenological hermeneutic analysis of a psychotherapeutic case study, derived from supervision records of an undergraduate internship at a university training clinic. The analysis reveals that the violence experienced, understood as manifestations of structural prejudice, hinders the development of a positive self-image. This process consolidates the phenomenon known as "internalized prejudice," leading to detrimental consequences for individuals' health and personal relationships.

Keywords

Internalized prejudice. Male homosexuality. Self-image. Phenomenology. Heteronormativity.

1 INTRODUÇÃO

O reconhecimento e a aceitação da condição homossexual não são tarefas fáceis de serem realizadas pelos indivíduos. Mesmo com a recente criminalização da homofobia² em 2019, o Brasil é considerado um dos países com maior número de ocorrências neste sentido, tendo praticamente um assassinato de homossexuais por dia³. A sociedade brasileira está em constante transformação, mas ainda é marcadamente conservadora, religiosa e preconceituosa.

Neste cenário de violência institucionalizada, a população LGBTQIA+ ainda têm dificuldades de encontrar grupos de referência, apoio e aceitação. Constantes situações de abuso, humilhação, rejeição e violências das mais diversas ordens costumam estar associadas a dificuldades na escolarização, no desempenho profissional e nos relacionamentos amorosos deste grupo minoritário (Canali *et al*, 2014).

Neste contexto, este artigo investiga as adversidades na constituição da autoimagem de homem cisgênero homossexual a partir da análise dos relatórios das sessões de psicoterapia realizadas pelo paciente denominado Glauber⁴, estudante universitário. Ao longo da análise deste processo psicoterapêutico, se destacaram

² A determinação está atrelada à Lei de Racismo (7716/89), que hoje prevê crimes de discriminação ou preconceito por "raça, cor, etnia, religião e procedência nacional". A prática da lei contempla atos de "discriminação por orientação sexual e identidade de gênero".

³ Dados obtidos do "Atlas da violência 2024" do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Os dados obtidos são imprecisos, devido à dificuldade de identificar crimes dessa ordem pelas autoridades legais. Tal dificuldade escancara como o discurso heteronormativo se infiltra nas instituições públicas, exercendo o poder de desvalorizar e silenciar a homossexualidade, apesar de haver leis formais anti-discriminatórias.

⁴ Todos os nomes utilizados são fictícios, de modo a se preservar a identidade dos participantes.

elementos na história deste rapaz que apontavam para uma intersecção entre o sofrimento singular do jovem e o sofrimento gerado por uma violência de cunho mais estrutural. Assumiu-se essa violência como homofobia, pois a maioria delas se originava do preconceito referente à orientação sexual do paciente, bem como de seus trejeitos afeminados e de sua constituição corporal, mais delgada.

A palavra homofobia foi cunhada em 1972 pelo psicólogo americano George Weinberg, para descrever comportamentos aversivos de indivíduos em relação a homossexuais. O autor via uma natureza patológica nesses comportamentos e ajudou a nomear e dar visibilidade a um problema social antes invisibilizado. Com isso também, o psicólogo contribuiu para desvincular a homossexualidade de patologias e a enquadrá-la como uma questão de diversidade sexual. O autor desloca o ‘problema’ da homossexualidade para os ‘normais’ que não toleram gays e lésbicas (Carrara & Saggese, 2011).

Com o tempo, o termo passou a englobar não apenas o medo e a aversão à homossexualidade, mas também nomear diversas atitudes negativas envolvendo gênero e sexualidade nas suas diversas ocorrências, referindo-se a toda discriminação e hostilidade contra toda a comunidade LGBTQIA+. Decerto, a homofobia atualmente tornou-se um conceito polissêmico, abarcando fenômenos plurais, para além da evidente patologização presente na ênfase à “fobia”. Ela pode abarcar preceitos religiosos, crenças e ideologias que transcendem o tradicional campo dos saberes científicos-médicos.

No contexto deste artigo, a ênfase do termo homofobia reside no seu aspecto de crítica e denúncia contra comportamentos e situações que apontam para um fator de restrição de direitos de cidadania, como educação, saúde, trabalho e segurança. Por esse viés, que busca esclarecer mecanismos sociais de discriminações, preconceitos e violências, é que se propõe a criminalização da homofobia.

No contexto da sociedade brasileira, reconhecidamente patriarcal, machista e preconceituosa, a homofobia pode ser inserida no campo da violência estrutural ou sistêmica. No cenário de violência física ou verbal, geralmente há a presença de um ou mais agressores individualizados com a possibilidade de identificação de culpados específicos. A violência sistêmica é mais sutil e complexa, afetando grandes grupos de pessoas de forma desigual. Trata-se de um tipo de violência enraizada nas estruturas de uma sociedade, operando através de sistemas complexos por meio de mecanismos

indiretos, como políticas públicas discriminatórias, estereótipos e preconceitos, que podem ser difíceis de detectar e isolar. O uso do termo “raízes” não é aleatório, posto que uma das suas características mais desafiadoras é a invisibilidade. Característica essa que vem do fato dessa violência fazer parte do cotidiano das pessoas por tantos séculos que ela se naturaliza como comportamento “normal” e esperado, passando despercebido o seu viés discriminatório. O caráter histórico dessa violência também indica que a sua longa duração nos sistemas opressivos leva à internalização de desigualdades, fazendo com que as pessoas as aceitem como inevitáveis (Bourdieu, 2012). Este é o ponto de partida para o preconceito internalizado.

Para compreender melhor esse cenário de preconceito sexual internalizado, é necessário esclarecer a concepção de “dispositivo de sexualidade”, proposta por Michel Foucault (1979). Embora este renomado autor não use o termo "homofobia estrutural" diretamente, sua obra sobre o poder, o discurso e a normalização da sexualidade é fundamental para entender como as instituições (medicina, direito, religião) historicamente construíram e controlaram a sexualidade, marginalizando as práticas não-heteronormativas. Segundo ele, tal “dispositivo da sexualidade” se refere a:

[...] um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes termos (Foucault, 1979, p. 244).

Assim, tal dispositivo configura saberes e poderes que visam normatizar, controlar e estabelecer “verdades” a respeito do corpo e seus prazeres, em um determinado momento histórico. Esse dispositivo social interfere na constituição das subjetividades, sejam elas de orientação heterossexual ou homossexual.

É nesse contexto que a homossexualidade foi historicamente construída como desvio, patologia e perversão. A violência decorrente desse dispositivo, por sua vez, não é apenas externa; ela é absorvida pelo indivíduo, gerando o que Nunan (2005) define como "preconceito sexual internalizado": a aceitação, pelos próprios homossexuais, das atitudes negativas da sociedade, resultando em sentimentos como culpa, vergonha e baixa autoestima.

Considera-se que um único caso não pode ilustrar a ampla variedade da fenomenologia da violência homofóbica e suas consequências em pessoas LGBTQIA+. Os atravessamentos das questões referentes à orientação sexual e identidade de gênero, além dos fatores culturais, religiosos, étnicos/raciais e de classe são diversos e demandam cuidadosa compreensão e análise.

Também é importante destacar que a violência estrutural se manifesta de forma interseccional, ou seja, se entrelaça com outras formas de opressão, como racismo, sexismo, classismo. Essa complexidade precisa ser considerada nos debates atuais a respeito da análise de vivências de preconceito e discriminação. Por isso, o foco principal do presente trabalho, se situa em homens brancos cisgêneros homossexuais. Pessoas com outras orientações sexuais e outras identidades de gênero fora dos padrões heteronormativos, por constituírem grupos minoritários, provavelmente sofrem de violências semelhantes às que serão aqui relatadas. Entretanto, a interseccionalidade de condições específicas a cada grupo presente na população LGBTQIA+, possui especificidades que não devem ser invisibilizadas, sob o risco de se reproduzir um discurso colonizador hegemônico e homogeneizador das alteridades. O aprofundamento deste tema será devidamente conduzido nas reflexões realizadas na análise do caso.

Por outro lado, a análise hermenêutica de determinados casos singulares pode revelar situações que apontam para um cenário de vivências semelhantes e compartilhadas pelas pessoas daquele grupo. O exemplo particular relatado no caso clínico pode vir então a configurar o que se denomina de caso *exemplar*. As características de um caso exemplar situam-no como um relato representativo e ilustrativo de um fenômeno mais amplo, socialmente relevante.

O antropólogo Clifford Geertz sustenta como a descrição densa de um caso pode se mostrar como um microcosmo da estrutura social, no qual o caso não é apenas uma ilustração; é um espelho onde a sociedade se reflete e se revela. Para este autor, ao se estudar a fundo um único caso, é possível acessar os sistemas simbólicos que as pessoas usam para dar sentido ao mundo. Em vez de buscar leis universais abstratas sobre o comportamento humano, Geertz (2008) mostra que só se pode entender os seres humanos através das formas particulares e concretas que suas vidas assumem. Um caso bem escolhido pode revelar a totalidade de uma estrutura social.

Por essa via, o autor deste trabalho considera o relato de Glauber exemplar, na medida em que a sua análise pode apresentar situações e vivências semelhantes e comuns a homens cisgêneros homossexuais. Tais reflexões também podem facilitar e aprofundar a compreensão de fenômenos socialmente complexos, além de incentivar a identificar padrões que auxiliem na redução da violência de cunho homofóbico. Essas considerações buscam ir na direção de como Roberto DaMatta utiliza estudo de caso para interpretar dilemas e singularidades da formação social brasileira. A premissa central da sua metodologia de caso exemplar é que um fenômeno específico e delimitado (o "caso") pode funcionar como uma lente de aumento, revelando as regras, tensões e valores profundos de um sistema social mais amplo. Para este autor, o caso exemplar não precisa ser um evento grandioso. Ele pode ser um gesto, uma interação, uma única frase que, ao ser submetida a uma densa análise, revela as contradições mais profundas, os valores mais arraigados e a lógica oculta que governa uma sociedade inteira (Damatta, 1997).

No contexto desta investigação, a análise hermenêutica também busca desvelar como as violências contra homem homossexual podem afetar a constituição de sua autoimagem. Ao se optar pelo termo “autoimagem” o investigador buscou explorar o tema da autoestima, considerando-a como “a forma como percebemos e valorizamos a nós mesmos, determinando, em grande medida, a forma como nos comportamos, como lidamos com a nossa vida, como nos conduzimos” (Oaklander, 1980, p. 310). Entretanto, a escolha do termo “autoimagem” busca explorar a questão da valorização de si mesmo a partir da constituição da imagem corporal, que seria o modo como a pessoa vê a si própria, se percebe e se valoriza na interação com o seu corpo e com os outros.

Destarte, a obra de Merleau-Ponty (1908-1961) surgiu como referencial na condução das reflexões. Este filósofo não utilizou explicitamente os termos “autoimagem” e “autoestima” da mesma forma como se compreende na psicologia contemporânea. No entanto, seus conceitos de “corpo vivido” e “corpo próprio” são fundamentais para compreender a formação e a experiência daquilo que podemos chamar de "autoimagem" em sua filosofia.

Para este autor (Merleau-Ponty, 2011), o corpo não é apenas um objeto no mundo, mas a própria condição de possibilidade de nossa experiência do mundo. A ideia de “corpo vivido” apresenta a noção da experiência direta e concreta do corpo no mundo. É a sensação de estar no mundo, de sentir o próprio corpo e de interagir com ele. Corpo e

mente são inseparáveis no corpo vivido. As sensações, as emoções e as ações se entrelaçam, formando uma unidade indissociável. O corpo vivido está sempre direcionado para algo, seja um objeto, uma pessoa ou uma ação. Ele é intencional por natureza.

Já a ideia de “corpo próprio” traz a noção do corpo como ele é vivido por cada indivíduo, em sua singularidade e historicidade. É o corpo que se diferencia dos outros corpos, como ele é vivido em primeira pessoa, com todas as suas particularidades e nuances. O corpo próprio é a condição de possibilidade da corporeidade, ou seja, da experiência de, simultaneamente, ter e ser um corpo. No nível analítico, o corpo vivido enfatiza a dimensão intersubjetiva da experiência corporal, enquanto o corpo próprio destaca a dimensão singular e subjetiva.

Tais noções surgem como referenciais filosóficos para compreender como a violência estrutural e o preconceito internalizado de cunho homofóbico se manifestam na experiência concreta e singular dos indivíduos afetados. É no corpo vivido que as marcas da homofobia se inscrevem, moldando a autoimagem e a relação com o mundo.

A partir dessas justificativas e temáticas, a análise hermenêutica do caso clínico de Glauber irá se desvelar no aprofundamento e problematização das situações relatadas. Entretanto a intersecção do tema da corporeidade, compreendida como a experiência de ter um corpo, com a questão da homofobia aponta para considerações a respeito da noção de “corpo político”, a ser devidamente desenvolvida no caminhar das reflexões propostas.

2 METODOLOGIA

O presente estudo de caso se baseia nos atendimentos realizados em clínica-escola de uma instituição de Ensino Superior paulistana no período de abril a novembro de 2017, totalizando 25 sessões de 50 minutos cada uma. Na época, o cliente tinha 23 anos, e se denominava homem cisgênero de orientação homossexual. Outros marcadores sociais relevantes do paciente são o fato dele ser branco, de classe média e sem apresentar questões clínicas (médicas) e estéticas a respeito de obesidade.

A coleta dos dados da pesquisa foi realizada com utilização de dados de prontuário clínico, sendo inviável a localização do sujeito que faz parte da amostra da investigação, pois o atendimento foi realizado no ano de 2017 e não se obteve resposta de nenhum dos contatos disponíveis na ficha de identificação. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de

Ética da referida universidade tendo em vista estarem de acordo com as normativas das Resoluções CNS nº 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde. Tais normativas preveem a dispensa de TCLE no contexto de pesquisa retrospectiva com dados de prontuário de atendimento, a partir da qual o sujeito não pode ser localizado.

Neste sentido, o risco de “Violação de Privacidade e Confidencialidade” e o risco de “Uso Indevido dos Dados” foram minimizados pois, todos os dados direta ou indiretamente identificatórios foram anonimizados e o pesquisador garante a guarda confidencial de todos os dados, com segurança de armazenamento e acesso restrito.

Considera-se também que os benefícios da pesquisa são relevantes para o contexto científico pois as considerações deste trabalho buscam inserir-se como fator de “Validação de Hipóteses” referente aos prejuízos que a violência de cunho homofóbico traz à saúde mental de homens e mulheres LGBTQIA+, considerados população vulnerável e minoritária. Também se inclui como benefício desta investigação a possibilidade de Geração de Conhecimento Relevante para a Saúde Pública, ao se investigar o modo como a violência de cunho homofóbico ocorre e suas consequências na constituição da autoimagem (autoestima) do indivíduo homossexual.

Nesta proposta, realizou-se uma análise hermenêutica de orientação fenomenológica tendo como fio condutor os registros de supervisão e relatórios semanais realizados por aluno de graduação em seu estágio junto a clínica-escola.

Gadamer (2006), afirma que a compreensão prévia de mundo relatada constitui o ponto inicial a partir do qual o investigador apropria-se de novas significações, ampliando seu horizonte de sentido. É pertinente a este processo investigativo refletir a partir do que vai sendo explicitado no relato do paciente, em busca de des-naturalizar os saberes tradicionais presentes na compreensão prévia e, simultaneamente, constituir novos saberes, numa ampliação do horizonte compreensivo do investigador.

Nesta mesma direção, Critelli (1996) afirma que a manifestação de algo pela e na linguagem é a etapa de revelação do percurso metodológico, sendo que a linguagem não é somente a fala, mas também o gesto, a ação encaminhando sentido. Nesta proposta, a veracidade das coisas é obtida por um movimento existencial que desvela a coexistência, que é o seu determinante fundamental. Coisa alguma é verdadeira em si mesma, mas veracizada mediante um critério que a autorize a ser como é. Quando algo é testemunhado

como publicamente relevante, é referendado como verdadeiro: verdade e realidade são elementos indissociáveis.

A descrição do caso buscou assumir a forma de um relato próximo de uma estrutura narrativa. Segundo Benjamin (1994), a narrativa é um modo de transmissão de experiência de geração em geração, configurando-se como o legado transmissível da tradição-memória que rompe o tempo de imediatamente presente, instaurando a dimensão existencial com presente e passado articulados pela busca por sentido. Além disso, ela não é somente um modo de apresentar a experiência, mas de sua própria constituição, fundamentando-se na linguagem como efetivação do real. Ela se desenvolve numa temporalidade, enquanto articulação tempo-espço, oferecendo-se como movimento histórico de sedimentação e reconstrução da memória.

3 A HISTÓRIA DE GLAUBER

Glauber é um estudante universitário de 23 anos que veio do interior do estado de São Paulo para se graduar em uma universidade localizada na capital, recebendo para isso apoio financeiro da família. Inicialmente, o rapaz busca ajuda psicoterápica para lidar com crises de ansiedade frequentes que dificultam os seus estudos.

Ao ser questionado sobre o que imagina ser o motivo dessas crises, ele afirma que isso se deve ao término recente de um relacionamento. Glauber comenta ter conhecido o ex-namorado na faculdade. Saíram algumas vezes e começaram a namorar em um esquema de relacionamento aberto. Segundo ele, nesse esquema, um contava ao outro sobre os seus parceiros casuais, os "ficantes". Ele aparenta desconforto ao mencionar esse assunto e afirma que só concordou com isso por medo de perder o pretendente.

Glauber frisa então que considera o ex-namorado fisicamente mais forte e bonito do que ele, denominando-o de "musculoso". Ele menciona que, ao mesmo tempo em que admirava a beleza do namorado e se gabava de estar com ele, também se sentia inferior e oprimido por essa estética, além de frustrado e ansioso em relação a sua própria aparência. Glauber menciona que vê o ex-namorado como alguém confiante e poderoso, enquanto ele se percebe magro, fraco e desajeitado. Ele diz ter medo de se sentir rejeitado e solitário por outros homens.

Ele segue relatando que, após algumas semanas de namoro, o rapaz passou a reclamar sobre o seu sedentarismo, cobrando-o que fizesse atividades físicas. Ele afirma

que o comentário foi uma crítica direta à sua aparência física e que serviam para confirmar que ele não era bom o suficiente.

Depois de alguns meses, os dois foram se afastando e Glauber notou que a relação se reduziu a ele consolar o namorado quando este tinha frustrações com seus outros "ficantes". Quando Glauber afirmou que se sentia mal e inseguro com essa situação, o namorado terminou o relacionamento logo em seguida. A partir de então ele diz que, ao caminhar pelas ruas, passou a sentir ansiedade quando via algum homem musculoso. Nessas horas, ele se vê pequeno e sente que será agredido, embora saiba que isso não faz o menor sentido. Ele se mostra chateado porque já fez diversas dietas, porém nenhuma atendeu aos seus objetivos de ter um corpo musculoso. Questionado sobre os benefícios de ter esse corpo, o paciente explica que se sentiria mais forte, seguro. Ele diz que iria gostar mais de si mesmo e seria aceito pelos outros.

A imagem pequena e frágil que o paciente tem de si não condiz com o que o estagiário observa. Apesar de magro, o seu porte é atlético e a sua estatura fica por volta de 1,80m. Nas anotações de supervisão, registra-se que quase todo começo de sessão, Glauber entra no consultório tenso, retraído, a fala baixa. Entretanto, no decorrer de cada sessão, ele vai relaxando e aumentando o tom de voz. Em uma sessão marcante, ao ser indagado como se sentia em relação às cobranças do ex-namorado e às suas próprias, Glauber, irritado, dispara que quando se olha no espelho tem vontade de se bater, e até o faria se visse outro dele materializado em sua frente.

Glauber explica que se vê como alguém frágil desde a sua infância, se declarando um "alvo fácil". Conta que sofreu diversas agressões e xingamentos ao longo do ensino médio. Relata que havia um grupo de alunos que costumava debochar dele por vê-lo sempre acompanhado de garotas e por ser muito estudioso. Ele buscava ignorá-las e nunca disse nada às autoridades da escola e nem para a família.

Em outra sessão marcante ele recorda que, no dia de sua formatura, foi vítima de uma tentativa de homicídio. Ele conta que percebeu um alvoroço na entrada do evento e, na busca por informações descobriu que um homem desconhecido portando uma faca fora barrado por um segurança, evadindo-se do local após a revista. Eventualmente

chegou ao seu conhecimento que este rapaz havia sido contratado por aquele grupo de alunos para matá-lo por ser homossexual⁵.

A partir disso, Glauber confessa que não se sentia em um lar na casa dos pais. Ele conta que vem de uma família tradicional. Ele é próximo de sua avó, que é muito religiosa e que não o apoia na escolha de sua profissão por ele não ter seguido os planos de ser padre. A sua mãe é a única que sabe sobre ele ser gay, mas pediu que guardasse segredo sobre o assunto do restante da família. Ela cobra o filho para ter boas notas e conseguir um emprego, mas não se interessa muito em saber sobre a sua vida. O pai aparece pouco nos relatos do paciente. Ele é apresentado como "o machão do interior", por ser muito rígido, conservador e pouco afetuoso. Glauber não consegue recordar uma experiência positiva com esse pai.

Glauber briga frequentemente com ambas. Quando expõe seus sonhos e objetivos não recebe o apoio da família. Não gosta de visitá-las, mas se vê obrigado devido ao vínculo financeiro com a mãe, que o sustenta na capital. Quando viaja para visitar a família sente-se rejeitado, tanto em sua vida profissional como em seu modo de ser homossexual.

Durante as sessões, Glauber vai percebendo como os seus sentimentos de inferioridade foram arraigados pelos tristes eventos que ocorreram na sua trajetória de vida até então. As conversas passam a girar em torno do que é ser espontâneo e de como é difícil agir desse modo, mais livre dos próprios julgamentos. O terapeuta questiona se o paciente recorda momentos em que agiu de forma espontânea. Glauber informa que a escolha do seu curso de graduação foi uma ação espontânea e gratificante, pois não se vê no futuro fazendo outra coisa. Ele também conta que se inscreveu em aulas de *pole dance* e tem gostado, pois percebe ter forças para sair de sua prostração, causada pela ansiedade intensa e constante.

Em um dos últimos atendimentos, o paciente menciona que voltou a sua cidade natal para votar nas eleições para presidência. Durante a estadia, brigou com a mãe e a avó por desacordos referentes aos valores que os candidatos defendiam. Mais especificamente, o candidato das parentes era contra relações homoafetivas, incentivando atos de agressão contra essa população. Na época, tal posicionamento gerou no país uma

⁵ Verificar a veracidade dessa denúncia é de suma importância combater esse tipo de violência. Entretanto, o fato de o paciente trazer essa história como narrativa de sua verdade pessoal já revela o prejuízo a sua saúde, para além da averiguação dos fatos.

série de notícias de agressões e homicídios de comoção nacional. Ele percebe então que seus familiares, além de não respeitarem suas escolhas profissionais, apoiam a violência da qual ele foi vítima durante a vida.

Gradativamente tomando consciência desse lugar de desamparo e rejeição, o paciente se entristece, desanima e, em certas sessões, chega a se desesperar. Ele afirma não ver saída, pois acredita que não é possível mudar os eventos do passado.

O estagiário continuamente ressalta a força presente em Glauber ao ter buscado ajuda e a coragem de permanecer em terapia mesmo após ter entrado em contato com tanto sofrimento. Ele também destaca o esforço do rapaz, durante anos, para ir bem nos estudos e seguir em busca de sua independência financeira.

Em uma das últimas sessões, Glauber expressa que tem aprendido a olhar para si com mais generosidade e tem se desobrigado de obter um corpo musculoso, começando a gostar mais do próprio corpo e a se validar como capaz. Ele conta que não tenta mais convencer sua mãe e sua avó do seu valor, e tem diminuído as visitas para sua cidade natal.

O paciente também conta que no dia da eleição presidencial estava na casa de uma amiga que começou a chorar após o resultado. O candidato homofóbico vencera. Ele se segurou para não chorar também. A amiga então recebeu uma ligação e a pessoa do outro lado da linha também estava chorando. Ela disse que iria para a casa de quem lhe telefonou. Glauber argumentou que era perigoso sair às ruas naquele momento, pois receava que possíveis ataques homofóbicos ocorressem. Entretanto, em meio a discussão, ele cedeu e a acompanhou para evitar que ela se machucasse.

Uma vez nesta outra casa, havia pessoas que Glauber não conhecia e a maioria estava inconsolável diante do resultado eleitoral. Todos ali eram homossexuais ou bissexuais e ele, sentindo que poderia mostrar vulnerabilidade, também começou a chorar, enquanto escutava a dor dos colegas. Ele menciona que acolheu o sofrimento de algumas pessoas e isso o fez se sentir maduro e útil. Nesta sessão, das últimas do processo psicoterapêutico, o terapeuta marca como que, inesperadamente, surge um espaço de pertencimento possível, em sintonia com os anseios do paciente.

4 ANÁLISE: UMA COMPREENSÃO POSSÍVEL

De modo a compreender os percalços percorridos por homem homossexual na constituição da sua imagem corporal é necessário trazer compreensão do contexto

psicoterapêutico na qual ela se revela. Posto isso, no início do relato, a figura de Glauber surge como a de um jovem universitário acometido por intensas e frequentes crises de ansiedade. Em termos da Abordagem Fenomenológica Existencial sob o qual o caso foi conduzido, tais sintomas manifestam um conflito existencial que se dá no e através do corpo. O sofrimento de Glauber não é primariamente sobre sua aparência objetiva, mas sobre seu "corpo vivido", a experiência em primeira pessoa de ser este corpo no mundo, um corpo que se sente inadequado e ameaçado.

Os sintomas relatados paralisam a fluidez do curso rotineiro da existência de Glauber. Eles passam a afetar a sua performance nos estudos e nas interações sociais. Para além de sua força de vontade e controle, as crises de ansiedade revelam um sofrimento que situa Glauber num território de vulnerabilidade e estranhamento. Em seu relato há uma tonalidade afetiva de vergonha diante da sensação de fracasso.

As sessões revelam o singular contexto vivido por Glauber em seu relacionamento amoroso. A aparência física do ex-namorado é enfatizada e almejada. A busca por um corpo musculoso reflete a internalização de um padrão de masculinidade hegemônica que promete força, segurança e aceitação social. Tal busca coloca-se como um objetivo categórico e absoluto para a sua realização pessoal. Esta descrição é um claro exemplo de como os valores negativos associados à homossexualidade revelam-se internalizados no modo de ser do paciente. A busca por um corpo "forte" é uma tentativa de compensar a fragilidade e a inferioridade associadas ao feminino e ao homossexual no imaginário social. Deste modo, essa busca não é apenas por um corpo-objeto, mas por uma nova forma de ser-no-mundo, um novo "esquema corporal" que lhe prometa segurança e aceitação. Como afirma Merleau-Ponty (2018), a espacialidade do corpo não é de posição, mas de situação. Glauber busca mudar sua situação existencial através da modificação do corpo. O relato do corpo vivido por Glauber mostra como corpo e mente se revelam indissociáveis na sua experiência imediata. A imagem do corpo físico forte é sinônimo de um modo de ser inabalável emocionalmente e correto moralmente.

Nota-se aqui a vivência de uma corporeidade que revela e sustenta a constituição de um modo de subjetividade. É a vivência do "corpo próprio" e suas interações com outros num mundo de significados culturalmente dados que possibilitam ao paciente habitar e nomear o seu sofrimento. O "corpo próprio" não é o corpo da biologia, mas o corpo como nosso ponto de vista sobre o mundo, como o mediador de toda experiência

(Merleau-Ponty, 2011). A violência homofóbica ataca diretamente este corpo, pois é no gesto, na postura e na expressão que a existência e o sofrimento de Glauber se revelam e são julgados.

Entretanto, a experiência não se mostra de imediato clara e transparente à consciência. Na compreensão Fenomenológica Existencial do ser, na maior parte do tempo somos absorvidos pelo mundo: o existir transcorre na dimensão da impessoalidade, como se tudo que aí existe e se encontra no mundo já tivesse o seu sentido dado naturalmente, inclusive o próprio o ente que somos nós (Heidegger, 2015). Olhar para as vivências deste corpo vivido, de modo a fundamentar experiência, significa, questionar os significados dessas vivências, desnaturalizando saberes previamente configurados na trama de significações históricas e culturais que constituem o mundo. Assim, é possível desvelar e se apropriar de outros significados, ampliando compreensão do modo de ser singular do paciente. Neste sentido, o processo psicoterapêutico é lugar privilegiado no qual o corpo vivido pode desvelar-se como experiência passível de nomeação e reconhecimento.

É a aproximação cuidadosa e gradual desse sofrimento que guarda a possibilidade de libertação, na medida em que ela pode desvelar para Glauber o seu singular modo de ser, no mundo e com outros. Vale ressaltar que, a medida em que o paciente se apropria dos significados de sua história, uma sensação de injustiça ganha forma e intensidade em seu relato. Não é possível mudar os eventos do passado, mas ressignificá-los é tarefa que possibilita ao ser dedicar-se ao cuidado de si de maneira autêntica e flexível, sem mais identificar-se somente com o discurso de ódio que até então o define (Pompéia; Sapienza, 2013).

O desprezo que ele sente pelo próprio corpo, que se intensifica em raiva ("vontade de se bater"), mostra como o paciente toma para si o discurso de ódio. Esse ódio por si mesmo, a culpa e a vergonha são consequências diretas do preconceito internalizado que, segundo Nunan (2005), está correlacionado com depressão, baixa autoestima e sentimentos de inadequação. As crises de ansiedade, que surgiam "do nada", revelam seu significado: são a manifestação corporal de um conflito entre o desejo de ser e a opressão de um modelo normativo que o invalida.

Ao ser questionado sobre as raízes desse ódio contra si próprio⁶, o relato do paciente ruma na direção de recordar e compreender diversas situações de abuso e violência ao longo de sua história. Quando ele menciona que tem vontade de se bater ao olhar no espelho, ele expressa a fratura radical entre seu corpo vivido e a imagem objetificada de si mesmo. O ódio que ele sente é contra este corpo que o expõe, que o torna um "alvo fácil". A violência externa foi internalizada a tal ponto que seu próprio corpo se tornou o inimigo, um objeto estranho a ser corrigido ou punido. Ele se vê através do olhar opressor e, mesmo sem ter consciência de seus atos, tenta tratar seu corpo como um objeto entre outros, alienando-se de sua condição de sujeito encarnado (Merleau-Ponty, 2018).

A violência sofrida na escola, a convivência silenciosa dos adultos e, finalmente, a suposta tentativa de homicídio são manifestações brutais do "dispositivo da sexualidade" (Foucault, 1979) em ação. Este dispositivo não apenas define o que é "normal", mas pune ativamente o que foge à norma. A família de Glauber, com seu silêncio e sua adesão a valores conservadores, atua como um agente microfísico desse poder, reforçando a mensagem de que seu modo de ser é errado e deve ser escondido.

O modo como Glauber é no mundo se manifesta em um padrão de comportamento social definido como afeminado, por apresentar características tradicionalmente associadas a mulheres ou meninas. Assumir-se como um homossexual afeminado é, portanto, um traço fundamental para a compreensão de como as violências de cunho homofóbico moldam sua autopercepção e sua forma de existir.

O horizonte histórico tradicional da cultura e das tramas de significados que compõem o mundo, revela um pensamento metafísico organizado em sistemas e dispositivos dualistas ou binários. Um desses dispositivos é aquele que estabelece o par masculino/feminino e os seus respectivos valores. No devir histórico da cultura ocidental, o pensamento hegemônico estrutura no pólo masculino as noções de força, frieza emocional, segurança, superioridade e racionalidade. No *outro* polo, residem as noções de fraqueza, descontrole emocional e inferioridade atribuídas ao feminino. Esses valores

⁶ Neste momento, não há como saber se o namorado de Glauber tinha intenção de inferiorizá-lo com seu comentário da aparência física do paciente. Mas o ponto principal em uma escuta terapêutica é notar o lugar de inferioridade que o próprio paciente se coloca sem se dar conta disso. Isso ocorre até antes, quando Glauber aceita a contragosto a condição de um relacionamento aberto, desrespeitando-se. Essa reflexão não pretende culpabilizar o paciente por abusos e agressões que tenha sofrido, mas destacar que, em cada um, habitam facetas que, muitas vezes, se reconhecem em "lugares" desvalorizados.

se referem a princípios normativos naturalizados ao longo do tempo. Eles moldam nossa visão de mundo, definindo padrões daquilo que consideramos certo ou errado⁷.

Ao discutir esse dispositivo binário, Cabral (2022) faz uso do pensamento de Simone de Beauvoir para destacar como a mulher ocidental branca é considerada o outro do homem. Entretanto, essa diferença marca uma relação hierárquica na qual o que está no campo do feminino é considerado moralmente inferior, fraco e submisso ao que é considerado masculino. Esse dispositivo histórico assegura uma estabilidade e previsibilidade na constituição das possibilidades de modos de ser-no-mundo, ao mesmo tempo em que “condicionaram certo engessamento do devir mulher no Ocidente” (Cabral, 2022, p. 100).

Por essa via, a dinâmica dos sistemas binários identifica o pólo considerado fundamental com o *bem* e o outro pólo com o *mal*, se este buscar independência do pólo fundamental regulador. O mal aqui é entendido como privação do bem, de modo que, nessa lógica, a mulher precisa ser regulada pelo homem para evitar ser corrompida pelo *mal* (Cabral, 2022). Compreende-se melhor então, algumas raízes do ódio de Glauber, e como a constituição de sua imagem corporal é atravessada por uma vivência corporal, cuja singularidade é orientada por valores e princípios do sistema masculino/feminino. Antes mesmo de assumir conscientemente uma identidade de orientação sexual (Levounis; Drescher; Barber, 2014), Glauber é exposto como gay afeminado em seu ambiente social logo na adolescência, a partir de como os seus gestos e falas comunicam aos outros esse significado, para além do que ele possa controlar.

Ser um homossexual afeminado o coloca no polo do feminino - fraco, submisso, inferior. Sua orientação sexual, por sua vez, o situa como o "terceiro excluído" (Cabral, 2022), aquele que não se encaixa e ameaça a ordem do dispositivo. Trata-se de situar as vivências de Glauber em um campo fenomenal não somente inferior como excludente. Submeter a mulher ao homem é a estratégia de controle machista e patriarcal para se afastar do *mal*. Mas o que ocorre com o terceiro excluído? Segundo Cabral (2022, p. 109):

O terceiro excluído é o conjunto de modos de ser que aparece como *outro do outro*. (...) Se o Mesmo confere sentido e ser ao “outro”, ainda que esse ser seja o ser-menos, com o outro do outro o Mesmo confere o

⁷ A masculinidade hegemônica não se assumiu normal num sentido estatístico; apenas uma minoria dos homens talvez a adote. Mas certamente ela é normativa. Ela incorpora a forma mais honrada de ser um homem, ela exige que todos os outros homens se posicionem em relação a ela e legitima ideologicamente a subordinação global das mulheres aos homens (Connell & Messerschmidt, 2013).

estatuto de menos-que-menos-ser. Por vezes o outro do outro é puramente não ser.

O sistema binário homem/mulher opera como um dispositivo político-social e moral, instituindo modos identitários de ser. Aquele que se desvia dos valores e condutas hegemônicas heteronormativas da nossa época corre o risco de sofrer um processo de invisibilização de sua alteridade, habitar um *não-lugar*. Como um homem que, supostamente deveria se valer da sua condição biológica para exercer sua superioridade moral, se expressa e se identifica com os valores e condutas femininas, hierarquicamente inferiores? O seu modo de ser visível na concretude dos seus gestos e corpo subverte uma lógica heteronormativa moralmente considerada como correta.

Toda subversão de uma norma presente em um dispositivo de poder expõe e denuncia o caráter arbitrário e opressivo dos valores referentes aos códigos hegemônicos do que é considerado masculino e feminino, que são vividos como princípios naturais e inquestionáveis em nossa sociedade (Butler, 2019). Os padrões de heteronormatividade geram modelos de comportamento, vestimentas, direcionamento dos afetos, além de naturalizar hierarquias diversas. A discursividade de tais modelos atua como referência e identificação na constituição das singularidades dos modos de ser-aí, tornando visível determinado conjunto de possibilidades. O que se encontra fora desse campo corre o risco de se invisibilizar, desfenomenologizar. Essa invisibilização gera graves consequências éticas (Cabral, 2022).

No relato de Glauber, mostrar-se afeminado rendeu-lhe diversos tipos de ataque no ambiente escolar, desde o silenciamento e o relativo isolamento, passando por agressões físicas, difamações, até uma suposta tentativa de homicídio. Os modelos de referência do sistema binário homem/mulher revelam também o seu caráter opressor⁸. Glauber vivencia um espectro de tipos e intensidades de violência. A suposta ameaça de assassinato, entretanto, se destaca por dois motivos. Primeiro ela aponta para a radical impossibilidade de convívio com o diferente, ato que busca concretizar o extermínio como um recurso justificável para a resolução dos conflitos de sexualidade e gênero aqui

⁸ O caráter opressivo desse sistema não é vivido somente pelos homossexuais, mas também por aqueles que se identificam e se constituem dentro desses padrões heteronormativos hierarquizados. Basta notar o recente aumento nos estudos e temas relacionados às masculinidades e às tentativas de desconstrução dos padrões hegemônicos machistas e patriarcais.

analisados. O desfecho da situação mostra a convivência silenciosa daqueles que acreditam que, ao não fazerem nada, não terão relação alguma com o que está em jogo.

O segundo ponto é o de que não há comprovação dos fatos sobre a suposta tentativa de homicídio. Mas a questão não se resume à verificação dos fatos. A situação expõe, sobretudo, como a saúde mental de quem sofre atos discriminatórios.

Essa é uma condição de agravo à saúde habitar um mundo no qual a sua morada é constantemente interpolada por sentimentos de medo e dúvidas em relação à percepção da própria realidade. Tal fenômeno adoecedor se aproxima do que já é investigado nas questões do preconceito racial estrutural que muitas pessoas vivenciam cotidianamente (Damasceno & Zanello, 2018).

Neste ponto, é pertinente discorrer, ainda que sucintamente, sobre os marcadores sociais de diversos grupos que habitam códigos diferentes dos discursos hegemônicos presentes na cultura ocidental contemporânea. Considerando a necessidade de tornar visível intersecções que podem agravar o adoecimento de determinados grupos, é necessário retomar a condição vulnerável, mas ao mesmo tempo privilegiada, de Glauber. À época, sendo ele um homem jovem, branco e de classe média, visto que sua família podia arcar com sua residência na capital, Glauber é “poupado” de outras violências estigmatizantes, ainda que a homofobia sofrida não possa ser justificada ou minimizada.

Sendo um homem branco em uma sociedade branca, o paciente não vive de forma visceral a experiência de ser um corpo racializado. Fanon (2008) explica como o sujeito negro é forçado a se ver através do olhar do branco, gerando um profundo conflito interno e uma "epidermização" da inferioridade. Esta é a base para entender como a pressão estética racial é internalizada, em um processo mais agudo de exclusão e adoecimento do jovem negro homossexual.

É pertinente apontar que, a análise deste caso busca tornar visível o modo como a homofobia prejudica a constituição de uma autoimagem e de uma autoestima saudáveis em jovens homens brancos cisgêneros homossexuais, aproximando essas reflexões de vivências semelhantes e compartilhadas por outros grupos minoritários. Mas essas reflexões não pretendem englobar e homogeneizar a complexidade presente nas intersecções que atravessam outras existências, diversas em seus modos concretos de se relacionarem consigo mesma e com outros.

Nesse sentido, é importante destacar como o fato de ser jovem, de classe média e relativamente magro, contribui para que Glauber não sofra de forma ainda mais intensa o processo de exclusão ao qual é exposto. Tornar esses marcadores sociais visíveis é explicitar o combate às mais diversas violências de gênero, de orientação sexual, de preconceito racial, etarismo e de pressões por padrões estéticos (pessoas gordas, pessoas com deficiência, entre outros). Entretanto, essa proposta requer o exercício contínuo de um diálogo que busque compartilhar vivências familiares de exclusão e amparo e também consiga preservar as especificidades de cada marcador social, revelando as intersecções que compõem as mais diversas experiências humanas (Louro, 2004).

Seguindo nas reflexões propostas, considera-se que, com os anos, o paciente vai conformando o seu gestual e suas falas para alcançar o padrão masculino tradicional de comportamento. Tal processo de domesticação do corpo pode ser considerado uma séria violência autoinfligida com prejuízos à saúde física e mental do paciente, posto que este passa a recriminar sua espontaneidade, perder de vista a sua autenticidade e “engessa” as suas possibilidades expressivas, preso a ideia de um rígido modelo de conduta.

Partindo de uma perspectiva fenomenológico existencial, distúrbios e doenças são compreendidos sob uma ótica pouco reconhecida: a noção de privação. O estar-doente é uma forma “engessada” e privativa de existir, no sentido de haver uma restrição de liberdade ontológica do ser, “uma limitação da possibilidade de viver.” (Heidegger, 2017, p.168).

Tal compreensão só é devidamente entendida se esclarecemos, ainda que brevemente, a noção de homem proposta por essa perspectiva. *Dasein*, termo alemão livremente traduzido por ser-aí, designa exatamente aquele ente que, sendo nós mesmos, se revela como uma abertura de sentido, não tendo definição, função ou destino determinados. Heidegger propõe esse termo justamente para indicar que o existir humano possui características peculiares e únicas, se comparadas a outros entes.

O *Dasein* é o único ente que tem consciência da sua finitude e essa condição marca um modo distinto de se estar no mundo: temos a tarefa intransferível de cuidar de nosso existir e, por sermos indefinidos, temos a liberdade de escolher como esse cuidado se realiza ao longo dessa trajetória. O homem é, antes de tudo, um poder-ser, um dever, inacabado até o dia de sua morte, abertura de sentido. Cuidar de sua existência, cuidar de ser, está sob sua responsabilidade (Pompéia; Sapienza, 2013). Tal tarefa não pode ser

repassada para outro ser. Os diversos modos como o *Dasein* realiza esse cuidado, singular e coletivamente, tornam significativos as maneiras de habitar o mundo de forma mais autêntica.

A identificação total com a imagem-corpo que o opressor lhe impunha revela o estreitamento dos limites de compreensão que Glauber sobre a sua própria situação. Discorrer sobre essa identificação desvelava a marca de uma dolorosa vivência ainda não elaborada. Em seu relato, Glauber buscou solucionar o desafio presente no seu sofrimento moldando-se na estética de masculinidade hegemônica atualmente vigente. Entretanto, ao restringir drasticamente o seu campo de abertura para outras possibilidades de ser e estar no mundo, tal restrição da liberdade gerou o adoecimento revelado por suas crises de ansiedade.

Na terapia, Glauber passou a considerar que ir para São Paulo e buscar uma formação em nível superior foram questões de sobrevivência. Para muitos homossexuais essas duas alternativas são as principais rotas de fuga de um ambiente rural, conservador e opressor, bem como via de acesso para a autonomia e independência financeira (Conselho Federal De Psicologia, 2023).

Essas escolhas também revelam o anseio do paciente por espaços nos quais possa vivenciar relações que lhe transmitam a sensação de pertencimento. Em uma perspectiva fenomenológica existencial, embora o desamparo seja uma condição ontológica advinda da condição de indeterminação do ser-aí, mostra-se como tarefa desse mesmo ser-aí buscar sentido em seu devir existencial. Por essa via, o relato de Glauber apresenta um mundo marcado pela inospitalidade e desconfiança presente nas relações familiares mais íntimas até as relações pessoais mais formalizadas. Tal situação revela então como habitar um espaço de “não pertencer”, sendo aquele excluído que é considerado “menos-do-que-menos-outro”, revela um caráter fortemente restritivo das condições de liberdade do ser-aí e, portanto, adoecedor.

Assim posto, não é de se estranhar o comportamento de Glauber em submeter a sua vontade a dos outros. Trata-se de uma tentativa de ser visto, ainda que pelo viés daquilo que ele não é. Desrespeitando-se dessa forma ele busca aplacar a solidão e o desamparo de sentir-se irremediavelmente abandonado e incompreendido no mundo.

A imagem feminina, fraca e despotencializada que o paciente vê refletida no espelho, revela a extensão do lugar desvalorizado que ele ocupa nas suas relações. É no

corpo e nas suas vivências que o poder normativo do sistema binário exerce os seus maiores efeitos. A opressão e a exclusão presentes neste sistema aparecem de forma difusa, misturadas com aquilo que Glauber chama de *opinião própria* ou *sentimento pessoal*. Longe de ser uma construção meramente particular, o modo como o paciente se percebe e existe no mundo é profundamente moldado por valores de um sistema que atua diretamente na regulação de suas experiências.

O trabalho psicoterapêutico de qualidade busca endereçar a cada uma dessas dimensões constitutivas da experiência do paciente, a compreensão dos seus significados, desnaturalizando e problematizando lugares e valores vivenciados como naturais ou biológicos. O trabalho do psicólogo junto ao paciente busca ampliar compreensão do seu modo de ser singular. Ao apontar para os valores e normas culturais presentes no seu discurso, o psicólogo busca propiciar que o paciente se responsabilize pela condução da sua vida, compreendendo os atravessamentos históricos e sociais que constituem suas vivências corporais.

As reflexões geradas na relação psicoterapêutica também possibilitaram ao paciente reconhecer que a intensidade do ódio voltado para si próprio tinha influência do momento político do período. Em 2018, o Brasil viu se fortalecer a ascensão da extrema direita conservadora com a eleição para a presidência do candidato Jair Bolsonaro. Glauber reconheceu o posicionamento dos familiares a favor de um governo conservador abertamente contrário às relações homoafetivas e legitimador de práticas de violência junto a essa minoria. Além disso, ele também tomou consciência da crescente falta de abertura para o diálogo nessas relações.

Esse cenário político foi consubstanciado nas relações familiares do paciente. Ao tomar uma forma tão destacada, e com a ajuda da psicoterapia, Glauber pôde mudar os rumos de sua trajetória. A solidão que o paciente sentiu ao perceber que não tem apoio de sua família o colocou em liberdade, reconhecendo que, apesar de ter tentado diversas vezes se enquadrar, o preço pago era alto demais.

Uma grande virada no processo terapêutico ocorre quando Glauber encontra um espaço de pertencimento. A reunião na casa da amiga na noite da eleição é um evento fundante. Ali, a dor deixa de ser solitária e se torna coletiva. Esse momento de compartilhamento mútuo funciona como uma prática de resistência. Madlener e Dinis (2007) sugerem que a superação dos padrões opressivos não se dá apenas pela luta por

direitos, mas pela criação de "novas formas de relações" e "novas estéticas da existência". O grupo de amigos, em sua vulnerabilidade compartilhada, cria um novo modo de vida, ainda que efêmero, que se contrapõe ao isolamento imposto pela homofobia.

A "força" que Glauber percebe ao final não vem de um corpo musculoso, mas do reconhecimento de seu valor em um contexto de aceitação. A terapia, o pertencimento ao grupo e as aulas de pole dance — uma atividade que ressignifica o corpo, unindo força e expressão artística fora dos padrões masculinos tradicionais — são recursos que o fortalecem para legitimar e aceitar sua condição homossexual, abandonando a identificação com o discurso dos agressores.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história de Glauber, embora singular, assemelha-se a milhares de outras. Nascidos em contextos conservadores, muitos aprendem a silenciar seu desejo. A família, espaço primordial de pertencimento, muitas vezes condiciona sua aceitação à negação da sexualidade. O percurso de Glauber ilustra com precisão como o "dispositivo da sexualidade" de Foucault opera na prática, criando um ambiente hostil que, por sua vez, é assimilado pelo indivíduo na forma de "preconceito internalizado", como teorizado por Nunan (2005).

Escondido e violentado, Glauber busca ser aceito por quem realmente é. Seu esforço para se adequar, no entanto, revelou-se uma violência autodirigida. A rejeição familiar e a violência escolar contribuíram para um profundo sentimento de inferiorização, culminando na ideia de que a culpa era sua. Essa cobrança excessiva foi geradora das crises de ansiedade que trouxeram o paciente para a psicoterapia. Ao longo deste processo terapêutico, Glauber pôde reconhecer as origens da raiva e da rejeição que sentia em relação a si próprio, bem como esclarecer os significados da sua busca por aceitação.

O fato de a literatura especializada ter encontrado correlações entre preconceito internalizado e determinados sintomas não quer dizer que exista uma relação seja causal ou que tal conexão se estabeleça, invariavelmente, em todos os casos. O que se pode afirmar é que, no caso de homossexuais que apresentam queixas clínicas tais como depressão, ansiedade, transtornos alimentares, dependência química ou violência

doméstica, a influência do preconceito internalizado deve ser sempre avaliada como uma possibilidade (Carrara & Saggese, 2011).

A psicoterapia permitiu a nomeação de seu sofrimento, mas foi no encontro com os pares que a ressignificação ganhou força e sustentação. Essa experiência coletiva representa uma fuga das "identidades sexuais excludentes" criticadas por Foucault, apontando para a possibilidade de inventar um modo de vida que supere as questões sexuais (Madlener & Dinis, 2007).

Desse modo, a superação do desamparo gerado pela homofobia exige mais do que a resiliência individual. Revela-se fundamental a articulação entre o cuidado de si (psicoterapia) e a criação de redes de apoio e pertencimento. São essas estratégias conjuntas que permitem não apenas sobreviver à violência, mas recriar ativamente novas e mais livres formas de existência.

Há ainda de se considerar que essas novas formas de relações consigo mesmo e com os outros revelam que a comunicação não se dá no nível do pensamento abstrato, mas na partilha de um mundo comum, através da expressão corporal. O corpo próprio de Glauber deixa de ser um invólucro de vergonha para se tornar um veículo de comunicação e pertencimento.

Devido a violência internalizada ao longo de sua trajetória, o paciente encontrava-se inicialmente alienado de sua condição de sujeito encarnado, tratando o seu próprio corpo como um objeto estranho a ser corrigido ou punido - um "alvo fácil". Ao longo do processo psicoterapêutico, ele percebeu que a "força" que esperava obter com um corpo musculoso se referia a algo mais profundo do que a mera mudança de aparência. A verdadeira força não era a de um corpo-objeto, mas a de um corpo-sujeito, a capacidade de seu corpo vivido de projetar seu próprio mundo, de estabelecer suas próprias normas existenciais. A terapia e o pertencimento ao grupo foram o caminho para que ele pudesse finalmente habitar seu corpo próprio, não como um fato bruto a ser lamentado, mas como o foco de sua existência e a fonte de sua busca por autenticidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. (Obras escolhidas; v. 1.) 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BRASIL. *Atlas da violência 2024*. Coordenadores: Daniel Cerqueira; Samira Bueno – Brasília: Ipea; FBSP, 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. *Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012*. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 13 jun. 2013.

BRASIL. *Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016*. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 24 maio 2016.

BOURDIEU, P. *A Dominação Masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BUTLER, J. *Corpos que importam: Sobre os limites discursivos de “sexo”*. São Paulo: N-1 Edições; Crocodilo, 2019.

CABRAL, A. M. *Ecofenomenologia decolonial: variações fenomenológicas sobre a alteridade*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: NAU Editora, 2022.

CANALI, T. J., OLIVEIRA, S. M. S., REDUIT, D. M., VINHOLES, D. B., & FELDENS, V. P. Avaliação da autoestima de gays do sul de Santa Catarina, Brasil. *Ciência e saúde coletiva* [online]. vol.19, n.11, pp.4569-4576, 2014. Disponível: <http://dx.doi.org/10.1590/1413-812320141911.15982013>.

CARRARA, S., & SAGGESE, G. Masculinidades, violência e homofobia. In: GOMES, R. *Saúde do homem em debate* [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2011, pp. 201-225. Disponível em: <<http://books.scielo.org>>.

CONNELL, R. W., & MESSERSCHMIDT, J. W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Revista Estudos Feministas*, 21(1), 241–282. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2013000100014>, 2013.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (Brasil). *Referências técnicas para atuação de psicólogas, psicólogos e psicólogues em políticas públicas para população LGBTQIA+*. Brasília: CFP, 2023.

CRITELLI, D. M. *Análítica do Sentido: uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica*. São Paulo: EDUC: Brasiliense, 1996.

DAMASCENO, G. M.; ZANELLO, V. Saúde mental e racismo contra negros: Produção bibliográfica brasileira dos últimos quinze anos. *Psicologia: Ciência e Profissão* 38(3)450-464, 2018.

DAMATTA, R. Você sabe com quem está falando? Um ensaio sobre a distinção entre indivíduo e pessoa no Brasil. In: *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. 6. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

FANON, F. *Pele Negra, Máscaras Brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.

FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

GADAMER, H. *O caráter oculto da saúde*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2006.

GEERTZ, C. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

HEIDEGGER, M. *Ser e Tempo*. (10ª Edição). São Paulo: Editora Vozes, 2015.

HEIDEGGER, M. *Seminários de Zollikon: protocolos, diálogos, cartas*. São Paulo: Escuta, 2017.

LEVOUNIS, P; DRESCHER, J; BARBER, M. *O livro de casos clínicos GLBT*. Porto Alegre: Artmed, 2014.

LOURO, G. L. *Um Corpo Estranho*: Ensaios sobre Sexualidade e Teoria Queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

OAKLANDER, V. *Descobrendo crianças*: abordagem gestáltica com crianças e adolescentes. 17. Ed. São Paulo: Summus, 1980.

MADLENER, K.; DINIS, N. A homossexualidade e a perspectiva foucaultiana. In: LOURO, G. L.; FELIPE, J.; GOELLNER, S. V. (Org.). *Corpo, gênero e sexualidade*: um debate contemporâneo na educação. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da Percepção*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

MERLEAU-PONTY, M. *O Olho e o Espírito*. São Paulo: Martins Fontes, 2018.

NUNAN, A. *Homofobia*: novos matizes de uma velha prática. Rio de Janeiro: Cia de Freud, 2005.

POMPEIA, J. A.; SAPIENZA, B. T. Uma caracterização de Psicoterapia. In: POMPEIA, J. A.; SAPIENZA, B. T. *Na presença do sentido*: uma aproximação fenomenológica a questões existenciais básicas. São Paulo: EDUC; ABD, 2013.

Recebido em: 20/01/2025 | Aprovado em: 25/05/2025